

A NATUREZA DA VIDA E A NATUREZA DO HOMEM

Saudações, caríssimos amigos. Que esta palestra possa ser uma ajuda e uma inspiração para cada um de vocês, os aqui presentes e os que leem estas palavras. Na discussão desta noite, eu gostaria de enfatizar particularmente a relação entre a natureza da vida e a natureza do homem. Pois existe uma ligação muito direta. Já mencionei isso muitas vezes, não é novidade. No entanto, muito poucas pessoas de fato entendem o pleno significado dessa ligação. O conceito delas da vida como uma entidade em si mesma, por assim dizer, é tão confuso e tão desconectado de sua personalidade interior que elas acham que se trata de diferentes aspectos: sua personalidade, seus conceitos, seus sentimentos ou a falta deles, e a maneira como a vida se desenrola para elas.

Vamos falar primeiro da natureza da vida de um ponto de vista absoluto, e também relativo. Quando falamos da vida a que estamos realmente nos referindo? Ao número de anos que a pessoa passa neste planeta? Ou ao fato de que existem organismos com vida e que a pessoa é um deles e sente a maravilha disso? A pessoa pensa em um significado específico ou propósito da vida como defendido por diversas filosofias ou religiões? Ou pensa apenas em uma vida rotineira que é preciso aguentar da melhor forma possível? Pensa na vida como essencialmente favorável? Ou experimenta a vida como uma força hostil ao homem e da qual o homem precisa se defender? A vida é neutra e indiferente ao homem? O que é?

Pois bem, a vida é tudo isso, meus amigos, num plano relativo. Ou seja, a vida se manifesta exatamente como vocês acreditam e a concebem – nem um milímetro diferente. Se a sua experiência de vida e os seus conceitos conscientes divergem entre si, é uma prova de que os seus conceitos inconscientes estão de acordo com a sua experiência real de vida. Não há como enfatizar demais esse ponto, pois ele é constantemente esquecido e desprezado. Nada poderia ser um gabarito melhor dos seus verdadeiros conceitos, atitudes e sentimentos do que as manifestações da sua vida exterior em uma determinada área. No momento em que é estabelecida a correspondência entre conceitos e sentimentos até então inconscientes e a experiência manifesta da vida, o homem está muito mais perto do próprio núcleo da vida. Ele deixa de chapinhar na ignorância e na alienação, acreditando que a vida e ele são dois fatores separados, não vendo como sua vida é um efeito direto de seus sentimentos e atitudes, que por sua vez são o resultado de seus conceitos da vida.

A descoberta da discrepância entre o que a pessoa acredita conscientemente e seus conceitos inconscientes é sempre o primeiro passo rumo à identidade plena. A natureza relativa da vida, portanto, é neutra no sentido de que ela é de uma substância tão altamente potente, criativa e impressionável a ponto de ser exatamente tão moldável quanto a substância da alma, já que ambas são uma só e a mesma substância. Assim, quando a pessoa está convencida de que a vida é uma determinada coisa, a vida acaba se transformando naquela coisa. No entanto, esta não é a realidade absoluta da vida, e sim a realidade relativa da pessoa em questão. Nem é preciso dizer que isso não se aplica apenas à questão geral do que a vida como um todo é ou não é, mas se aplica a cada crença ou con-

ceito específico no marco de uma vida vivida nas questões práticas do cotidiano. Os limites que a pessoa vê acabam se tornando aparentemente reais. As regras que ela estabelece ou segue cegamente encontram sua confirmação. Contudo, no momento em que a pessoa descobre que esses limites ou regras não são uma lei imutável e podem ser questionados, os limites recuam e são provadas novas leis ou regras de acordo com as novas crenças que tomam o lugar das anteriores.

Qual é a natureza absoluta da vida, em contraposição a sua natureza relativa, moldável? A resposta ficará evidente quando se pensa, ou melhor, quando se sente a questão em sua verdadeira essência. Como a matéria da vida é muito moldável, a natureza absoluta da vida (é tão ilimitada quanto a consciência alcança, abarca em relação a seus conceitos) tem a mesma falta de limites da consciência em relação a seus conceitos. Desta forma, a vida é ilimitada em suas possibilidades de bem, de desenvolvimento, de experiências ainda mais ricas e maiores. Ela não é sem limites nas possibilidades do mal, pois o limite é fixado quando a vida cessa – ou parece cessar. O fim temido é sempre a não vida. Não existe nada depois da não vida. Esse limite de não vida somente poderia existir no plano relativo, jamais no plano absoluto. No plano absoluto, vida é vida, e portanto não pode ser não vida.

Assim, o que o homem mais teme é sempre a não vida, de uma ou de outra forma. Vamos voltar a isso um pouco adiante. Por enquanto, vamos nos deter na natureza da vida no plano absoluto. A consciência humana é incapaz de conceber as possibilidades que existem de bem, de expansão, de desenvolvimento, de prazer. O escopo humano é limitado demais para isso. No entanto, até o escopo humano deixa muito mais espaço para expansão do que a maioria dos seres humanos tira proveito. São apenas as formas de consciência que evoluíram além do escopo humano que têm uma experiência de vida infinitamente maior, mais ampla, mais profunda, mais plena e sem limites na experiência criativa e na alegria, pois sua consciência é capaz de abarcar panoramas menos limitados; seus conceitos se expandem sempre.

A maioria dos conceitos dos seres humanos podem se ampliar muito além do estado atual e, portanto sua experiência de vida poderia ser infinitamente mais rica do que é. Quando o homem está sofrendo, está descontente, passando por tensão interior, a razão fundamental é sempre que, no fundo, ele sente que a sua expansão poderia ser maior do que é. E ele busca e procura, e muitas vezes sua busca e procura está na direção errada.

Vamos nos voltar agora para a direção em que é possível ampliar o horizonte da experiência de vida, de acordo com os potenciais de cada um que segue este caminho, para que a sua vida se torne mais rica e mais plena. Para que isto seja possível, os seus sentimentos precisam estar vivos. Neste trabalho e nestas palestras, já falamos disso muitas vezes, de diversos ângulos e aspectos. Mas é incrivelmente difícil para o homem encontrar a área sutil e oculta onde ele desestimula o fluxo natural de seus sentimentos, onde propositadamente os amortece. Normalmente é mais fácil tomar consciência de uma aparente incapacidade de sentir mais, embora a princípio também isso possa estar encoberto por sentimentos simulados. Depois que essa primeira camada superficial é removida – e muitas pessoas não querem fazer nem isso – muitas vezes aparece uma tristeza por causa da falta de sentimentos “verdadeiros”. A sensação é a de ser um aleijado, diferente dos outros, “nascido” com menor capacidade de ter sentimentos profundos e calorosos. Mas isso nunca é verdade – a verdade é que sempre existe um nível ainda mais oculto no qual o processo de amortecimento é instalado de maneira muito propositada. Quando esse nível é revelado, houve um avanço muito bom no caminho.

O amortecimento propositado ocorre porque o homem acredita que a vida é sua inimiga, de modo que suas tentativas de exteriorizar-se e seus sentimentos de afirmação da vida teriam como consequência o profundo envolvimento dele com essa temida inimiga, a vida. Para evitar isso, é preciso cortar, emudecer, dificultar os sentimentos. Com algumas pessoas isso acontece apenas em alguns aspectos, enquanto em outras elas são livres, encontrando a harmonia entre sentimentos desobstruídos e espontâneos e a vida. Com outras, isso acontece como uma atitude geral em relação à vida. Seja qual for o caso, surge na alma humana a seguinte situação absurda e paradoxal. O homem teme a vida como uma inimiga, que lhe tira a vida. Como os sentimentos naturalmente afirmam a vida, eles também se transformam em seu inimigo. Consequentemente, ele começa a arrefecê-los, e assim institui propositadamente a não vida, por medo da não vida. Como ocorre com qualquer problema na psique humana, esse equívoco fatalmente traz à tona o próprio aspecto que a pessoa teme e procura evitar por meios defensivos. A defesa contra um equívoco temido é necessariamente tão errônea quanto o próprio equívoco. Neste caso, que a vida, bem como esses sentimentos, são forças hostis contra as quais o homem precisa se resguardar. Os sentimentos naturais são sempre afirmativos, voltados para fora, alegres, e assim é a essência da vida, sem o entrave das falsas ideias. Qualquer pessoa que observar uma criança poderá verificar esse atributo natural de alegre extroversão e prazer com que ela se envolve na vida. É somente quando surgem a dor e o equívoco, bem como a interpretação errônea da dor, que ela desvia ou interrompe totalmente esse fluxo natural.

A vida é essencialmente alegre, e assim também são os sentimentos. A vida é essencialmente positiva, e assim também são os sentimentos. A vida é essencialmente plena de significado e envolvente, e assim são os sentimentos naturais quando não obstaculizados. A correlação imediata é evidente. Na medida em que a pessoa sente, em qualquer área de sua vida, de maneira natural, sem medo, com confiança e positiva e na medida em que, por consequência, ela se envolve de todo o coração, com todo o seu ser, colocando em cena as mais positivas e construtivas atitudes e aspectos de sua personalidade, nessa mesma medida sua experiência naquela área particular da vida será da mesma espécie.

Quando o homem teme a vida porque suspeita que ela lhe seja contrária, ele começa a entorpecer seus sentimentos. Como eu disse anteriormente, ele teme a vida porque teme a não vida. Se vocês analisarem o medo nu e cru da vida, verão que se trata na realidade do medo do seu oposto. Eu já disse muitas vezes que quem teme a vida teme a morte e vice-versa. Mas mesmo quando não pensamos na forma física da morte, mas em qualquer outro motivo de apreensão, se formos analisar de fato, veremos que sempre se trata de uma aniquilação pessoal, de uma forma pessoal de não vida. Talvez a pessoa tema uma negação de sua dignidade, de seu valor essencial. Talvez esta seja uma forma específica de não vida temida. Ou talvez a forma de não vida temida seja uma negação dos desejos. Os desejos originais sempre lutam por uma forma maior de estarem vivos. Embora a maneira como esses desejos se ampliem no ser imaturo possa ser prejudicial e irrealizável, sua essência sempre permanece intacta e realizável, desde que a pessoa se dê ao trabalho de materializar a essência que neles existe. Todo medo equivale ao oposto da vida, de uma forma ou de outra.

Isto acontece com praticamente todos os seres humanos deste planeta. Apenas o grau varia. São raras as pessoas em que esta situação absurda e trágica é muito menos verdadeira do que com a pessoa comum. Mesmo assim existe, ainda que em menor grau. Caso contrário, essa pessoa não estaria viva desta forma específica. A consciência não buscaria esta forma específica de expressão.

Quando se aprofundarem o suficiente no trabalho de autoconhecimento, meus amigos, mais cedo ou mais tarde vocês vão descobrir a área em que se seguram, onde, ao invés de afirmar a vida e seus sentimentos e ao invés de expandir-se na vida com seus sentimentos, negam a vida e seus sentimentos e se retraem da vida, de seus sentimentos e assim perdem contato com a vida. Vocês não se sentem em casa na vida. Sentem-se ansiosos, perseguidos, incômodos. A negação da vida, a negação dos sentimentos e a negação do eu são uma só e a mesma coisa. E como a negação implica não vida, ela gera o medo. Por causa do medo, a pessoa começa a fazer exatamente aquilo que piora a situação de não vida e não eu.

A descoberta dessas áreas em si mesmos é um grande passo. Um grande e importante passo, que os leva para dentro de si mesmos. As muitas, muitas possibilidades existentes nesta terra para o homem pensar, estudar e filosofar podem ser mal usadas, servindo para não ter de encarar a área em que vocês, e somente vocês, negam a vida. Muitas vezes, essa fuga não ocorre nem um pouco nos conceitos e crenças conscientes, como mencionei anteriormente. Mas quando a experiência humana requer a mais direta e espontânea liberdade de sentimentos, quando a alegria e o envolvimento são os mais imediatos e os menos passíveis de conceitualização, é muitas vezes aí que o homem resiste em ver esse empobrecimento, de tal forma que não tem condições de enxergar essa interrupção, provocada por ele mesmo. Abençoados são aqueles que têm consciência do que perdem na vida e começam a sanar essa situação.

Em que área da vida vocês negam a vida? Como fazem isso? De que forma ocorre essa negação? Curiosamente, parece doloroso admitir essa negação enquanto o homem não atinge a visão total de si mesmo. No momento em que ele realmente consegue enxergar a si mesmo nesse processo de negação, ele já está em um processo mais afirmativo, pois deixa de se enganar a seu próprio respeito.

Para evitar enxergar a negação do eu, dos sentimentos e da vida, dessa unidade inteira, o homem produz um falso eu e, portanto, uma falsa vida. Para criar com o falso eu, é preciso criar uma falsa vida e falsos sentimentos. É por isso que as pessoas que conhecem a teoria da correlação entre o eu e a vida, entre os conceitos e a experiência de uma pessoa, muitas vezes se perguntam por que sua experiência é tão diferente dos seus conceitos conscientes.

O real é negado e substituído pelo falso – e esta é a resposta. Isso explica os conflitos decorrentes dos falsos sentimentos. É por isso que os conflitos parecem ser criados quando a pessoa confia nesses sentimentos. Os sentimentos reais jamais produzem conflitos. É preciso haver sempre a negação de algo do eu e da relação entre o eu e a vida ou os outros.

São criados falsos sentimentos porque nada é tão assustador quanto o entorpecimento. Embora o homem tenha criado o entorpecimento para se proteger dos supostos perigos da vida, ele não sabe disso, é impelido a continuar entorpecendo seus sentimentos reais. Ele tem tanto pavor de despertar seus sentimentos quanto de entorpecê-los. Assim, começa a criar falsos sentimentos. Esses falsos sentimentos correm em paralelo a outras ilusões – sobre seu desenvolvimento espiritual, seu caráter, sua realização, seus sofrimentos, seu estado de felicidade ou infelicidade, as reações dos outros a ele (acredita que essas reações são melhores ou piores do que efetivamente são).

Quando falei antes que tomar consciência da intenção deliberada de entorpecer os sentimentos, tomar consciência da pobreza do leque de sentimentos constitui um grande passo no autoco-

nhecimento, é porque a coisa mais difícil para o homem é penetrar nessas diversas ilusões. A maioria das pessoas prefere fazer qualquer outra coisa a isso. Fazem o possível e o impossível para evitar isso. Algumas descobrem apenas alguns aspectos, facetas de sua autoimagem idealizada, por exemplo, e se satisfazem com isso, não querendo enxergar o resto das ilusões com que vivem e que, inconscientemente, acreditam que são imprescindíveis para continuarem vivendo. As pessoas que chegaram ao ponto em que já não temem encarar as ilusões que porventura tiverem são, de fato, afortunadas. Seu caminho está à sua frente, sem obstruções. Dali por diante, é apenas uma questão de construir, pois a parte de destruir já terminou. O que precisa ser destruído são apenas as ilusões, a falsidade, e jamais a positividade real, a afirmação, a construtividade. As pessoas que mais confundem o real com o falso em si mesmas muitas vezes acreditam que o trabalho do nosso caminho é destrutivo ou negativo. Do ponto de vista das ilusões delas, é assim que parece.

Quando o homem sofre uma insatisfação, ele hesita e muitas vezes luta para não reconhecer esse fato. Pois reconhecer seria uma admissão da não vida, a admissão da infelicidade, a admissão de alguma forma de amortecimento. Isto, por sua vez, o coloca diante do fato de que ele é que agiu, ele teme a vida e ele foge da vida e de si mesmo. Encarar a situação exigiria que ele deixasse de agir assim, mas ele também tem muito medo de correr esse risco. Portanto, continua no status quo e se agarra a uma vida ilusória, sem ter suficiente consciência da dor e do desperdício que ela representa. Ele não permite que sua voz profunda transmita a percepção dessa dor. Não ousa arriscar, porque supõe que a realidade final da vida é negativa, pois teme que a realidade final de si mesmo seja negativa. É tão difícil encarar esse quadro que ele o encobre com ilusões, das quais não pode abrir mão.

Portanto, quando o homem penetra nessa ilusão e finalmente vê a negatividade abrigada em si mesmo, ele está muito mais perto da salvação do que aquele que se prende às falsas teorias sobre a vida – falsas porque ele não acredita realmente nelas em seu coração – aos falsos bons sentimentos ou aos sentimentos negativos que ele gera para não ficar morto, para não ser nada.

É impossível eliminar as ilusões a menos que a pessoa encare a discrepância entre o que acredita conscientemente ou o que pensa que acredita e professa exteriormente e aquilo em que ela acredita no fundo de sua psique, onde as emoções, as atitudes e os conceitos formam uma determinada expectativa de vida e geram um determinado clima emocional. Sempre que existe essa negatividade – oculta ou manifesta – a pessoa não confia na bondade última de sua personalidade e consequentemente, na de nenhuma outra pessoa.

Há uma grande diferença entre encarar essa negatividade sabendo que “Sim, é isto, aqui estou eu em estado negativo. Aqui estou eu negando ao invés de afirmar. Aqui eu expresso esta negação desta ou daquela maneira específica” e justificar essa negação, além de negar sua existência. Esta última atitude se manifesta como falta de consciência da negação e constante tentativa de vencer-se do contrário. A justificação se manifesta como filosofia de vida, alegando-se uma visão do mundo negativa e destrutiva como justificativa para o medo pessoal. O medo, portanto, é negado em sua forma real. Remonta sempre a uma experiência pessoal e não geral. Em outras palavras, quando as pessoas procuram expor uma visão do mundo niilista, elas escondem seus medos, decepções e sofrimento privados, sua desconfiança no seu eu mais íntimo, em seus sentimentos, transformando uma vida supostamente má em regra geral. A experiência pessoal em questão precisa ser trazida à tona.

Este trabalho do caminho, portanto, precisa ter como objeto penetrar nas ilusões, na ilusão que diz “estou satisfeito” quando a pessoa está insatisfeita; na ilusão que diz “o mundo é mau”, quando a pessoa acha que seus sentimentos são inaceitáveis ou perigosos; na ilusão em que a pessoa ignora uma determinada infelicidade, quando essa infelicidade existe; na ilusão que não deixa a pessoa ver como detém o fluxo espontâneo dos sentimentos naturais e de que formas tortuosas pode fazê-lo.

A ilusão não se refere apenas a glorificar ou embelezar ou tornar, falsamente, um fato mais positivo do que a pessoa acha que ele é. Tampouco se refere apenas a uma vaga situação de não encarar, de ignorar fatores que existem e que requerem reconhecimento para que a personalidade possa se equilibrar e ser verdadeira. Não significa apenas negar e não averiguar um estado interior. Mesmo essa não averiguação pode ser sutil, pois a pessoa pode fazer uma meia admissão, sem enxergar o quadro todo. Ilusão também significa gerar emoções negativas não reais. Isso também pode ser sutil.

As emoções falsas, tanto positivas como negativas, podem ser tão sutis que é fácil não admiti-las. De uma maneira mais evidente, os falsos sentimentos aparecem quando a pessoa se convence de que sente algo que absolutamente não existe. A versão menos óbvia é quando os rudimentos de um determinado sentimento efetivamente existem; além disso, a pessoa gostaria muito – em um nível de sua consciência – de sentir aquela emoção específica, mas devido ao bloqueio é incapaz de sentir autenticamente mais que um tantinho. Portanto, o sentimento é manipulado, artificialmente engrandecido, exagerado ou dramatizado. Isso pode se aplicar a emoções positivas ou negativas.

Dramatizar emoções negativas é tão frequente quanto fingir sentimentos positivos. Normalmente, as duas coisas caminham lado a lado e podem ser encontradas na mesma psique. A pessoa não esquece mágoas que podem ser tão ilusórias quanto uma pretensa satisfação ou uma insatisfação negada. Raiva, mágoa, sofrimento, tudo isso pode ser dramatizado e não esquecido. Sentimentos artificiais, positivos e negativos, servem à finalidade de atenuar o pavor do não sentimento, que é um estado da não vida.

Pois bem, como distinguir os sentimentos reais dos falsos, a fonte autêntica da vida espontânea e as emoções fabricadas, convocadas como meio de afastar-se de algo aterrorizante? Os sentimentos fabricados são sempre problemáticos e perturbadores. Eles não provocam iluminação e esclarecimento. Não trazem paz de espírito. São um meio de evitar um estado oposto e, portanto geram mais opostos, mais polos irreconciliáveis. Um falso sentimento de animação e excitação, por exemplo, deveria afastar a insensibilidade, o embotamento, o tédio. O verdadeiro sentimento de vivacidade e vibração não evita coisa alguma. Simplesmente existe. Portanto, contém tanto estímulo como tranquilidade, como eu disse em outro contexto numa palestra anterior. O falso sentimento não pode combinar opostos aparentes tais como animação e tranquilidade. Eles parecem opostos incompatíveis que não podem ser conciliados, de modo que a pessoa é obrigada a fazer uma escolha. Muitas vezes, ela alterna entre essas duas escolhas e é levada de um extremo a outro. Pois um falso sentimento gera falta de liberdade, escravidão aos falsos processos colocados em movimento. A pessoa não escolhe mais entre animação ou tranquilidade. Ela é levada a escolher as distorções. Estar vivo torna-se uma tarefa, um empreendimento que rouba a tranquilidade e é difícil. Ficar tranquilo se transforma em falta de vida e acaba levando ao pavor.

Os falsos sentimentos sempre geram problemas que estão no plano da dualidade. Vamos tomar o exemplo do amor. O falso sentimento do amor engendra e resulta no conflito da submissão e

escravidão, da perda da dignidade em nome do ceder, na renúncia aos direitos e desejos em nome dos direitos e desejos do ser amado, de tal forma que a saída parece ser a negação do amor para deixar a identidade intacta e a própria liberdade intocada. Este é o conflito típico do falso amor, que por sua vez é gerado porque a pessoa teme o estado de não vida.

Existem muitos, muitos outros desses conflitos, todos resultantes de falsos sentimentos. A produção artificial de sentimentos positivos e negativos é igualmente prejudicial, porém cada uma gera manifestações diferentes no nível prático da consciência. Como eu acabei de dizer, os sentimentos positivos falsos engendram conflitos irreconciliáveis. Os sentimentos negativos falsos, depois de algum tempo, parecem ser reais. Eles começam a envolver a pessoa e a enredá-la tão fortemente que, embora tudo não passe de uma invenção, a pessoa não consegue sair. Isso apesar do fato de que, a certa altura, ela estava perfeitamente consciente de que, de certa forma, jogava um jogo e propositamente gerou os falsos sentimentos. Vamos dizer que o sentimento seja medo ou raiva. Esses sentimentos parecem manter a psique viva, por assim dizer. Não é a vida real, mas parece melhor que o amortecimento. Embora o nascimento deles tenha sido propositado, deliberado, parte de um jogo, esse fato logo é esquecido, deixado de lado e o que era uma falsa raiva ou um falso medo parecem ser tão reais e se tornam muito mais assustadores e perturbadores que um sentimento negativo real.

Todos vocês sabem que, neste plano temporário de existência, sentimentos negativos reais de fato existem – raiva real, medo real, mágoa real. Mas eles jamais tiram a tranquilidade da pessoa, pelo menos não por mais tempo do que o necessário para a finalidade daquele sentimento real específico. Eles nunca enfraquecem a pessoa. Nunca levam a pessoa a uma armadilha sem saída. A verdadeira raiva pode ser expressa, como eu já disse muitas vezes. Ela desanuvia o ambiente. O medo real é uma advertência válida que serve para dar à pessoa condições de lidar com sucesso com uma determinada situação. Quando a situação deixa de existir, a pessoa fica mais forte. Não é assim com a falsa emoção. A mágoa real suaviza a pessoa e a torna mais sábia; faz com que ela cresça e amplie seus horizontes. A falsa mágoa, dramatizada, jamais surte esse efeito.

Tudo que é supérfluo, que é um desperdício, é sempre a maior dor e sofrimento. Nenhuma emoção real, autêntica, se for experimentada de maneira espontânea e honesta, sem os entraves do eu temeroso, desconfiado ou ardiloso, pode ser um desperdício. Somente o embotamento dos verdadeiros sentimentos é um desperdício, bem como os falsos sentimentos, por mais sutilmente que existam em algumas áreas da personalidade. Eles são os resultados de uma reação em cadeia que enfraquece o eu. É um desperdício de vida que separa o eu do centro da vida e dos processos vitais que são infindáveis e ilimitados em escopo e profundidade de expansão.

É essencial, meus amigos, que todos que trabalham neste caminho, se preocupem e prestem atenção às falsas emoções a que dão origem; que percebam melhor como fazem isso constantemente; como não se soltam, não se descontram naquilo que verdadeiramente são para perguntar “Será que eu realmente sinto isto? Será que não estou fingindo?” O que é fingido passa a controlar. Faz parte das suas ilusões. Vocês precisam encarar os processos pelos quais negam a vida natural, pelos quais vocês de fato detêm o processo natural da vida, os sentimentos naturais que querem fluir de vocês, bonitos, vivos, inteiros – e, agindo com desperdício e ignorância, acham que protegem a si mesmos ao negá-los. Vocês acham que esse processo da vida não é seguro, que não tem sua própria sabedoria interior. Agora, é com isso que precisam se preocupar no seu desenvolvimento, seu crescimento, sua busca. Quando chegarem a essa área em si mesmos, poderão realmente começar a abrir a porta, a aprender e a ver onde se tornam desnecessariamente doentes – às vezes por causa de um

equivoco e muito frequentemente, meus amigos, por um sutil rancor. Rancor que é resultado das mágoas que interpretaram mal; rancor que é dirigido contra seus pais, mas que agora se manifesta em relação à vida e em relação a tudo e todos que fazem parte da sua vida.

Qualquer pessoa que esteja frente a frente com a negatividade, que veja como ela detém o processo vital, como ela nega a corrente da sua vida, está mais perto da solução e da salvação do que aquela que nega e ignora suas insatisfações e se esquece de que elas existem, que a própria pessoa as criou através de falsos sentimentos. E aquele que vive a falsa vida e os falsos sentimentos muitas vezes se considera mais avançado do que aquele que luta para não negar.

Agora, meus amigos, querem fazer perguntas a esse respeito?

PERGUNTA: Com relação ao amor entre um homem e uma mulher, se o amor não é retribuído, às vezes eu acho que basta amar essa pessoa. Fico contente em amar essa pessoa. Mas às vezes não é isso que sinto e gostaria que meu amor fosse retribuído. Eu gostaria de saber se existe alguma coisa errada comigo.

RESPOSTA: Como eu já disse muitas e muitas vezes, sempre que alguma coisa está fora do lugar em uma situação exterior, é um indício de que existe uma correspondência exata do lado de dentro. Como não há mistério a esse respeito e tudo deve estar em ordem, só pode haver uma resposta. Deve haver algo em você que não quer a verdadeira satisfação. Você fica necessariamente dividida. Existe uma parte sua que quer muito os sentimentos, quer a experiência de se sentir viva e vibrante com a beleza desses sentimentos, como somente a mais dinâmica experiência neste plano pode proporcionar – o amor entre um homem e uma mulher. Mas existe a outra parte que teme, seja pelas razões que forem. Se você não tivesse medo e não negasse, verdadeiramente não se encontraria nessa situação. Os seus sentimentos seriam voltados para uma pessoa que estivesse disposta e desejosa de retribuir. De fato, seria impensável que os sentimentos fossem despertados, fossem inflamados numa situação unilateral. Esse fato, por si mesmo, indica uma área em que existe medo e negação da vida. Pode haver muitas razões para isso e em casos assim a pessoa se vê na desagradável situação em que, se e quando seus sentimentos são inesperadamente retribuídos, seus próprios sentimentos esfriam. Quando não são retribuídos, quando o outro é inatingível, inalcançável, os sentimentos se intensificam. É como se a psique tentasse encontrar um meio termo entre querer estar viva, querer sentir a suavidade e a plenitude da vida, mas ousasse apenas fazê-lo na fantasia, sem a coragem de transportar isso para a vida real. Você precisa reconhecer isso, averiguar por que tem medo da realidade. Você precisa reconhecer que fica mais à vontade quando a situação real é muito menos estimuladora, muito menos conducente a esses sentimentos do que a situação irreal. Reconheça que você fica mais tranquila quando seus sentimentos de estar viva são menos intensos, enquanto esse estado de sentimentos representam uma ameaça e você não sabe se conseguirá lidar com eles. Essa dúvida resulta da sua relutância em confiar nos seus sentimentos.

PERGUNTA: Como uma pessoa que tem um grande problema com esses sentimentos manipulados pode diferenciar entre os sentimentos falsos e autênticos?

RESPOSTA: A maneira mais fácil seria expressar todos os dias, bem no fundo da psique, o desejo de tomar consciência deles, de enfrentar a verdade. Desta forma, a atenção vai se focalizar, com a ajuda da orientação interior que automaticamente se manifesta quando é realmente desejada e ativada. Quando a pessoa verdadeiramente quer tomar ciência dos sentimentos falsos, para não se

enganar mais e enuncia essa intenção com simplicidade e firmeza, algo entra em movimento que lhe traz essa consciência. Quanto mais a pessoa enuncia o desejo e a intenção de viver na realidade e sentir sentimentos reais, mais isso se torna possível. Quanto mais a personalidade está desejosa de se livrar do engano e olhar corajosamente para o que existe, tanto mais se manifestarão, sem nenhuma dúvida, a orientação e a inspiração das forças vitais mais íntimas, a presença e a sabedoria interiores. A consciência aumentará, a atenção será mais focada e com mais entendimento e a diferença em breve ficará evidente. Vai ficar claro como uma emoção é trabalhosa e a outra é fácil, como uma deixa a pessoa inalterada enquanto a outra apresenta calor, desembaraço, vibração, por menor que seja o sentimento no início. Mas ele aquece todo o sistema, toda a pessoa – corpo, mente e alma – e o espírito. Tudo vibra com o sentimento real. Quando se toma esta decisão: “É isto que eu quero, é isto que vou fazer, é isto o que decidi – viver na realidade, ver o falso, deter o falso, e assim permitir que o real venha à tona – sei que esta decisão dará resultados, sei que já está dando”, alguma coisa já começa a mudar por dentro. É assim que se deve fazer. Ter a intenção todos os dias, enunciá-la, olhar o que existe e decidir, convocar as forças subliminares, alojadas no fundo do eu real.

Que esta palestra lhes dê um novo incentivo para ver o que é essencial. E o que é essencial é ver a sua não vida, pois então e somente então, poderão ficar vivos; ver o não sentimento, pois então, e somente então, os seus sentimentos reais poderão se manifestar. Vejam isso, vivam isso, caminhem nessa direção e a vida de vocês será realmente vivida com uma finalidade. Não será vivida em vão. Ela deve proporcionar profunda satisfação, não importa o que exista ou não exista no exterior. Aquele que vive desta forma vive na realidade, e a realidade acabará por se adaptar e se moldar de forma totalmente nova.

Fiquem em paz, meus amigos. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.